

Sorria, você está sendo filmado: uma leitura de “Conto de Escola” de Machado de Assis*

Franceli Aparecida da Silva Mello**
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

“Conto de escola” de Machado de Assis, publicado em 1884, no jornal *Gazeta de Notícias*, e em 1896, em *Várias histórias*, foi transformado em livro infantil pela editora Cosac Naify em 2002. Bastante estudado nos cursos de letras e pedagogia das universidades brasileiras, o conto suscitou interpretações diversas. No presente trabalho, procuro demonstrar como o autor trata dialeticamente a função do olhar; ora como instrumento de exercício do poder do adulto/forte sobre a criança/fraca, ora como exercício da intersubjetividade que leva à descoberta de si mesmo.

Palavras-chave: Machado de Assis; “Conto de escola”; a função do olhar.

Abstract

The short story "Conto de escola" by Machado de Assis, published in 1884 in the newspaper *Gazeta de Notícias*, and in 1896 in the book *Várias histórias*, was turned into a children's book published by Cosac Naify in 2002. Much studied in courses of Letters and Pedagogy of Brazilian universities, the story elicited different interpretations. In this work, I show how the author deals dialectically with the function of looking, sometimes as a tool for exercising the power of the adult over the child, or sometimes as an exercise of intersubjectivity that leads to the discovery of the self.

Key-words: Machado de Assis; “Conto de escola”; the function of looking.

* Recebido em 29 de julho de 2008. Aprovado em 18 de agosto de 2008.

** Doutora em Literatura Brasileira (USP), Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (2002-2003), é professora da Universidade Federal de Mato Grosso.

Résumé

“Conto de escola” de Machado de Assis, publié en 1884, dans le journal *Gazeta de Notícias*, et en 1896, dans *Várias histórias*, a été transformée en livre enfantin par la maison d'édition Cosac Naify en 2002. Beaucoup étudié dans les cours de Lettres et de Pédagogie des universités brésiliennes, l'histoire a suscité des interprétations diverses. Dans ce travail, je cherche à démontrer comment l'auteur traite dialectiquement la fonction du regard, soit comme instrument d'exercice du pouvoir de l'adulte/fort sur l'enfant/faible, soit comme exercice de intersubjectivité qui amène à la découverte de lui-même.

Mots-clés: Machado de Assis; “Conto de escola”; la fonction du regard.

Os olhos do Senhor
estão em todo lugar,
contemplando os maus
e os bons.
(*Provérbios 15:3*)

Publicado pela primeira vez em 1884, na *Gazeta de Notícias*, e em 1896, em *Várias histórias*, “Conto de escola” foi transformado em livro infantil pela editora Cosac Naify em 2002 e, neste ano do centenário da morte de Machado de Assis, selecionado para figurar na lista de referência do Ministério da Educação Nacional da França, sendo indicado para alunos de 8 a 10 anos de idade, conforme notícia veiculada pelo jornal *A Folha de São Paulo* em 30/05/2008. Não creio que seu autor tivesse pensado num destinatário tão jovem quando escreveu o conto, nem mesmo em sua utilização escolar; mas a indústria editorial é sagaz e tendo em vista o crescimento do mercado do livro infantil une o útil ao agradável. Se nos propuséssemos a analisar o fenômeno da trajetória desse texto machadiano, teríamos certamente mais um interessante capítulo da história do livro e da literatura no Brasil. Para o momento, no entanto, minha leitura vai em outra direção.

Bastante estudado nos cursos de letras e pedagogia das universidades brasileiras, este conto foi alvo de interpretações diversas, a maioria delas focalizando os temas da corrupção, da formação do caráter, do favor, do sistema escolar deficiente, da violência na relação professor/aluno, da perda da inocência, do despertar da consciência crítica da criança frente à sociedade e suas relações. A leitura que ora proponho não descarta as já existentes, apenas procura chamar a atenção para o teor filosófico dessas questões suscitadas pelo conto machadiano.

Com base em leituras de filósofos como J. P. Sartre e M. Foucault, procuro demonstrar como o autor trata dialeticamente a questão do olhar no conto em questão; ora como instrumento de exercício do poder do adulto/forte sobre a criança/fraca, ora como exercício da intersubjetividade que leva à descoberta de si mesmo. Mas, como a filosofia só existe em função do homem, não há como prescindir do auxílio de outras ciências humanas para proceder a análise, assim, buscarei na história, na sociologia e na psicologia, o auxílio necessário para tentar solucionar alguns “enigmas” que o texto machadiano nos apresenta.

Narrado em primeira pessoa e ambientado na primeira metade do século XIX, “Conto de escola” traz a história de um menino que é flagrado por um colega ensinando a lição a outro em troca de uma moedinha de prata, sendo, por isso, punido severamente pelo professor. Ao final, conclui que o episódio lhe trouxera dois conhecimentos, o da corrupção e o da delação.

A representação do universo infantil não é uma preocupação recorrente na obra de Machado de Assis, contudo, nas poucas vezes em que isto acontece, o autor o faz de maneira contundente, ou seja, elegendo a temática da violência física e moral que se praticava (e infelizmente ainda se pratica) contra a criança; talvez com o intuito de demonstrar o ponto máximo a que pode chegar a crueldade humana.

Quem não se choca com o destino de Abílio, assunto da crônica publicada em 1895, que relata a tortura a que foi submetido um menino de dois anos de idade, abandonado pelos pais num galinheiro e morto, em decorrência da fome, do frio e das picadas das galinhas, que insistiam em bicar nas chagas já abertas?¹ Ou não se comove ante o castigo aplicado a Lucrecia, a “... negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda.” (Assis 1992:579) do conto “O caso da vara”? Quem não se revolta com as chicotadas que o menino Brás Cubas desferia em seu escravo, o moleque Prudêncio? Em “Conto de escola” o menino Pilar e seu colega de classe são duramente castigados pela palmatória do professor Policarpo; castigo menos cruel que os descritos acima, mas, ainda assim, desproporcional à falta cometida. Além disso, Pilar refere às surras que costumava levar do

¹ “Guimarães chamava-se ele; ela Cristina. Tinham um filho, a quem puseram o nome de Abílio. Cansados de lhe dar maus tratos, pegaram do filho, meteram-no dentro de um caixão e foram pô-lo em uma estrebaria, onde o pequeno passou três dias, sem comer nem beber, coberto de chagas, recebendo bicadas de galinhas, até que veio a falecer.” *A Semana*, 16/06/1895 (Assis 1992:655).

pai: “Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo.” (Assis 1992:548).²

Mas há uma diferença fundamental entre os castigos sofridos pelo personagem de “Conto de escola” e os dos exemplos anteriores. Neles, as crianças torturadas são vítimas indefesas e inocentes — Abílio é vítima dos pais desnaturados, Lucrecia e Prudêncio do sistema escravocrata —, ao passo que Pilar e Raimundo (o colega) fizeram por merecer o castigo, que poderia ter sido evitado se não houvesse a infração de uma norma. Portanto, no conto em análise, o livre arbítrio faz a diferença.

Este conceito, aliás, aparece muito bem abordado em outro conto machadiano, “Pai contra mãe” (1992), no qual a diferença fundamental entre Candido (o pai) e Arminda (a mãe), ambos com dificuldades para criar seus respectivos filhos, está no fato de um ser livre e o outro escravo. Candinho era muito pobre, mas livre para escolher — entre as limitações que a sua penúria impunha — a qual profissão melhor se adaptava, pensou em ser tipógrafo, mas logo desistiu, trabalhou como balconista, contínuo de repartição pública, carteiro, e outros; ao passo que Arminda, por ser escrava, não tinha escolha, a não ser tentar a fuga, que, no caso, lhe custou a vida do filho. “Pai contra mãe” apresenta uma estrutura binária, cujas oposições não descartam o relativo e o contingente, que demandam, a todo momento, um posicionamento judicativo do leitor, esta uma característica recorrente na obra de Machado de Assis, e cujo caso mais emblemático é o de Bentinho e Capitu, mas aparece também no conto “A missa do galo”, e, explicitamente, em *Esau e Jacó* no qual a incapacidade de fazer uma escolha leva a heroína à morte. O modelo binário em outros momentos se radicaliza, apresentando-se a duplicidade num mesmo personagem, como é o caso de Jacobina, do conto “O espelho”, ou através da volubilidade de narradores-personagens, como Roberto Schwarz (1990) demonstrou em sua análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

“Conto de escola” também apresenta uma estrutura binária que se manifesta das mais diversas formas e em diferentes níveis. No início da narrativa, temos a indecisão do personagem-narrador entre ir brincar no morro ou no campo, entre as duas possibilidades, ele acaba optando por uma terceira alternativa, ou seja, vai para a escola. Esta, por sua vez, é descrita como o espaço de aprisionamento, em oposição à liberdade das

² De ora em diante, todas as referências ao conto em análise serão desta edição, pp. 548-554.

ruas, gozada pelos meninos vadios. Ao se apresentar, e ao seu colega Raimundo, o personagem-narrador também o faz por oposições:

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda [...] Reunia a tudo isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre.

[...]

Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito de estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro.

Ainda no nível do enredo, outra dualidade se apresenta através da indecisão do narrador entre aceitar ou não a moeda que Raimundo lhe oferecera para ensinar-lhe a lição. A despeito da proibição, Pilar exerce sua liberdade de escolha, aceita a moeda e sofre as conseqüências desta atitude. Outras oposições se colocam no conto: temos a que se dá entre o aluno Curvelo, o delator, e Pilar e Raimundo, os infratores; entre os velhos e os jovens, representados pelo pai: “Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante.” e pelo professor: “Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais”. De um lado, e os alunos, de outro; entre liberais e conservadores; favor e troca comercial; repressão e resistência; passado e presente, das quais tratarei mais adiante.

Como sucede na obra de Machado de Assis, o texto comunica várias mensagens em diversos níveis; assim, num outro nível desta narrativa, também como parte de sua ambivalência, temos duas histórias acontecendo simultaneamente. Uma delas é o relato da experiência escolar de um menino, experiência que acabou se transformado em lição de vida, pois, como vimos, ao final do episódio, o narrador entra em contato com o lado sombrio das relações humanas, contrariando, portanto, o que se espera de uma situação de aprendizado escolar. A outra história diz respeito à situação política do país, sugerida pela leitura que o professor faz do jornal do dia, enquanto os alunos faziam a lição, ou seja, enquanto Raimundo e Pilar viviam o seu drama, o professor vivia outro. Isto acontecendo simultaneamente no espaço da sala de aula.

O narrador inicia o conto descrevendo o espaço e o tempo da narrativa, com destaque para o último: “O ano era de 1840”, mais adiante reforça a importância do período histórico em que se deu o episódio em foco: “Não esqueçam que estávamos então no fim da

Regência, e que era grande a agitação pública.” Mais de um crítico da obra machadiana chamou a atenção para o papel fundamental da referência local e histórica para sua interpretação. Deste modo, seguindo a trilha aberta por Astrojildo Pereira, Raymundo Faoro e Roberto Schwarz, vale a pena ressaltar alguns acontecimentos que marcaram o período regencial e sua possível relação com a estrutura interna do conto. Tido pelos historiadores como um dos períodos mais conturbados da vida social brasileira, o final da Regência foi marcado por revoltas regionais, populares ou militares, que foram violentamente reprimidas pelas forças governamentais. Uma das soluções encontradas para apaziguar os ânimos foi a centralização do poder na pessoa do Imperador, assim, iniciou-se um movimento chamado Clube da Maioridade com o propósito de antecipar a maioridade de D. Pedro II, então com apenas 14 anos. O Partido Conservador, que se autodenominava regressista, em contraposição aos progressistas, era contrário à idéia; mas o movimento pela maioridade vai às ruas e obtém o respaldo da opinião pública. Assim, em 23 de julho de 1840 é declarada a maioridade do Imperador, apoiada pelo Partido Liberal e vista pelos conservadores como um golpe parlamentar.

Pela maneira como o professor Policarpo é apresentado no conto, e pela sua reação diante das notícias que lia no jornal, pode-se concluir que era partidário dos conservadores. Desse modo, é lícito interpretar a punição exagerada aos alunos pela infração cometida como uma forma de extravasar a raiva que sentia de seus adversários políticos:

E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória [...] Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados [...] E exclamava: porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Ao se aceitar tal proposição, outra dualidade se apresenta na narrativa, agora no nível ideológico, em que Policarpo seria o representante do paternalismo, do atraso, do passado; Raimundo e Pilar, do presente (ou do futuro), um porque elege a sistemática capitalista na sua relação com o colega, ao oferecer dinheiro em troca da “cola”, abolindo, assim, o favor, este, segundo Schwarz, uma marca de nosso atraso em relação à Europa; o outro porque não só aceita o dinheiro, como não se deixa dominar pelas regras impostas pelos representantes da velha sociedade (o pai e o professor), exercendo seu direito à autodeterminação individual, o que, ainda de acordo com Schwarz, remete à modernidade. Apenas para reforçar o paralelo entre o contexto

histórico e a narrativa machadiana, não nos esqueçamos de que os regentes eram homens velhos e D. Pedro II um adolescente, quase tão jovem quanto os alunos do professor Policarpo.

Apesar da importância do contexto histórico para a análise da obra de Machado de Assis, sabemos que só ele não é suficiente para dar conta de todas as suas referências, dado o seu teor universal — este, certamente, um dos motivos para a sua indicação a um público de língua e cultura diferentes, como é o caso dos alunos das escolas francesas. Nem o largo espaço temporal que nos separa de sua produção, e mais ainda, do período histórico referido no conto, impede sua perfeita compreensão, pois, como bem observa Alfredo Bosi (1999:11-2): “Se hoje podemos incorporar à nossa percepção do social o olhar machadiano de um século atrás, é porque este olhar foi penetrado de valores e ideais cujo dinamismo não se esgotava no quadro espaço-temporal em que se exerceu.”

Raimundo Faoro (Cf. 1976:496) nos chama a atenção para o lado moralista do autor, que nada tem a ver com moral ou censor de costumes, mas com a observação dos homens e de sua natureza contraditória, bem como de sua condição banal e concreta. Tal moralismo, aliado à perspectiva histórica, resultou na ambigüidade da obra, situada num contexto de transição de uma ordem solidária para a contratual; a primeira caracterizada pelo “favor”, a outra pelo capital. A hesitação do personagem-narrador em aceitar o pagamento pelo “serviço” prestado é indício da perplexidade provocada por este contexto bifronte:

Tive uma sensação esquisita. [...] A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, da cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, á toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes; [...]

Considerando este aspecto, prossigamos nossa análise do conto, focalizando o momento em que o narrador decide aceitar a moeda e é flagrado por outro colega de classe, ou seja, o clímax:

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. **Olhei** para o mestre, que continuava a **ler**, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. [...] Em verdade, se o mestre não **visse** nada, que mal havia? E ele

não podia **ver** nada, estava agarrado aos jornais, **lendo** com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relanceei os **olhos** pela sala, e dei com **os** de Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos **observava**, então dissimulei; mas daí a pouco, deitei-lhe outra vez o **olho**, e — tanto se ilude a vontade ! — não lhe **vi** mais nada. Então cobrei ânimo.

— Dê cá ... (Os grifos são meus)

Gostaria de chamar a atenção para a recorrência de palavras que remetem ao campo semântico da visão no trecho citado, e isto ocorre ao longo de toda a narrativa com alguns momentos mais significativos, como, por exemplo, quando os infratores são punidos: “Eu por mim, tinha a cara no chão. Não ousava **fitar** ninguém, sentia todos os **olhos** em nós.”; ou quando Pilar acusa, com o olhar, seu delator: “Daí a algum tempo **olhei** para ele; ele também **olhava** para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu”.

Como todo mestre do conto, Machado de Assis cuida para que cada detalhe tenha sua função na economia da obra. Assim, neste conto, temos o entrelaçamento de cena e cenário, de forma que o contexto histórico, que em outro autor poderia ser mero pano de fundo, adquire função estrutural e acaba atuando diretamente na ação dos personagens. Já vimos como ele influenciou na atitude do professor em relação à falta de seus alunos, mas se quisermos ir mais fundo na análise, podemos ver no autoritarismo do mestre e na delação de Curvelo uma referência aos métodos de *manutenção da ordem social*,³ utilizados no Brasil ao tempo da Regência.

Michel Foucault foi quem melhor teorizou sobre as relações entre o poder e o olhar em seu famoso livro sobre o nascimento da prisão (1987); lembremos que Pilar se refere à escola como uma prisão: “Com franqueza, estava arrependido de ter vindo [à escola]. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora...”.

Se para os filósofos iluministas, o ideal de sociedade estaria na transparência das ações do indivíduo e do estado, onde a corrupção pudesse ser flagrada pelo olhar de cada cidadão; para Foucault a visibilidade total pode ser uma armadilha totalitária. Analisando os dispositivos disciplinares das cidades em tempos de epidemias, das prisões, dos hospitais, dos quartéis, das escolas, Foucault (1987:164) conclui que atrás deles “... se lê o terror dos ‘contágios’, da peste, das

³ Expressão utilizada por Machado em “Pai contra mãe” a respeito dos instrumentos de tortura aplicados aos escravos

revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem.” Uma figura emblemática destes mecanismos de controle seria o Panóptico de Bentham, construção idealizada para vigiar prisioneiros 24 horas por dia, sem que estes vejam quem os vigia; sua versão fictícia seria o Big Brother, do romance *1984* de George Orwell; sua versão moderna, as câmeras instaladas por toda parte nas grandes cidades. Sobre isso, destaco uma matéria da revista *Educação* (maio/2007), intitulada “De olho (eletrônico) nos alunos”, em que diretores de escolas particulares exibem com orgulho o uso de alta tecnologia para monitorar as dependências e cercanias dos colégios, visando a segurança dos alunos; mas um deles deixa escapar: “Esse sistema é de grande utilidade para nós, pois monitoramos dia e noite as redondezas do colégio. Só o tempo dirá se, no médio prazo, vamos investir em outro sistema eletrônico para ficar de olho nos mais de 5 mil alunos das 3 unidades da instituição.” (2007:30). A escolinha modesta do conto machadiano, “um sobradinho de grade de pau”, apresenta métodos mais arcaicos, mas não menos eficientes; é o aluno Curvelo quem assegura o cumprimento da disciplina enquanto o professor lê jornal.

Ao analisar a vigilância na instituição escolar, Foucault considera a construção dos edifícios, os exames a que são submetidos os alunos e o próprio sistema, constantemente visitado por inspetores — hoje, no Brasil, os IDEB, ENEM, ENAD, cumprem este papel —, mecanismos a serviço do poder e com prerrogativas repressoras. As mínimas infrações são punidas, de modo que “... cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora.” (1987:149); quanto aos castigos, são inspirados no modelo judiciário, como sucede no conto em análise, “... a palmatória [...] pendurada no portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força de costume, que não era pouca”. Apesar de todo o aparato punitivo presente nas instituições disciplinadoras, alguns indivíduos ou grupos encontram formas de resistência, a atitude de Pilar é um exemplo, outro encontramos no conto “O alienista”, em que, após a internação de toda a população de uma cidade no hospício, as pessoas se revoltam e tentam destruir ‘aquela Bastilha do despotismo científico’. Segundo Kátia Muricy (1989:485), neste conto, “...Machado faz a sua crítica bem humorada às pretensões totalitárias da razão burguesa e situa muito bem as peculiaridades do projeto modernizador aqui entre nós, no Rio de Janeiro oitocentista”.

Como foi dito acima, “Conto de escola” tem uma estrutura binária, assim, ao lado da interpretação sociológica, podemos arriscar uma outra, baseada em princípios filosóficos. Num de seus trabalhos mais importantes, Jean-Paul Sartre (1997:334) aborda o olhar sob o

prisma da fenomenologia e conclui, entre outras coisas, que "... o olhar é, antes de tudo, um intermediário que remete de mim a mim mesmo." Segundo o filósofo, ao pressentir o olhar do outro sobre si, o indivíduo é subitamente atingido em seu ser e isto faz com que surjam modificações essenciais em suas estruturas. Quando o indivíduo é flagrado sendo observado, perde o controle total da situação, pois o imprevisível se apresenta "... a aparição do outro faz surgir na situação um aspecto não desejado por mim, do qual não sou dono e que me escapa por princípio, posto que é para o outro. Foi o que Gide chamou apropriadamente de 'a parte do diabo'. É o avesso imprevisível, mas real." (Sartre 1997:341). Como exemplo de descrição da imprevisibilidade, Sartre menciona a obra de Kafka; nós podemos mencionar os muitos contos de Machado de Assis em que a presença do acaso surge como uma forma de reação ao realismo científico do século XIX. Assim, a interpretação simplificada do conto como sendo uma oposição entre novos e velhos, ou professor/opressor e alunos/oprimidos traz um complicador que é o colaboracionismo de Curvelo, isto é, a traição; outro tema machadiano, tão conhecido nosso.

Ao ser punido pelo professor, Pilar experimenta dois sentimentos, a raiva pela delação/traição: "Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.", e a vergonha diante dos colegas: "Eu por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós." Ainda com Sartre, a vergonha, ou o orgulho, revelam ao indivíduo o olhar do outro que o revela a si mesmo. "A vergonha é sentimento de *pecado original*, não pelo fato de que eu tenha cometido esta ou aquela falta, mas simplesmente pelo fato de eu ter 'caído' no mundo, em meio às coisas, e necessitar de mediação do outro para ser o que sou". (Sartre 1997:369). Esta necessidade da mediação do outro para a afirmação da ipseidade é tratada de forma bem didática, com ênfase no orgulho, em outro conto machadiano, "O espelho"; mas na passagem em foco, é a vergonha que acomete o personagem-narrador, este, contudo, não demonstra arrependimento pela falta cometida, senão raiva de seu delator, portanto, a vergonha só pode ser entendida no sentido sartreano:

A vergonha motiva a reação que a transcende e a suprime, enquanto comporta uma compreensão implícita e não tematizada do poder-ser-objeto do sujeito para o qual sou objeto. E esta compreensão implícita não é outra senão a consciência (de) meu 'ser-eu-mesmo', ou seja, de minha ipseidade reforçada. [...]

Vergonha, medo e orgulho são, portanto, minhas reações originárias, as diversas maneiras pelas quais reconheço o Outro como sujeito fora de alcance, e encerram uma compreensão de minha ipseidade que pode e deve servir-me de motivação para constituir o Outro como objeto. (Sartre 1997:370-1)

Ora, além da vergonha, o medo e o orgulho marcam presença no conto. Já vimos como Pilar era orgulhoso de sua força e inteligência e como Raimundo temia o pai, o que parece corroborar nossa suspeita, de que, mais do que uma lição de vida, o tema do conto seja o autoconhecimento conquistado graças ao exercício da intersubjetividade.¹

Como costuma acontecer na narrativa machadiana, muitas vezes o final é ambíguo, sendo este um caso exemplar. Assim, o personagem-narrador que jurara vingar-se do colega delator e recuperar a moeda perdida, acaba desistindo de seu intento para seguir um batalhão de fuzileiros que passava:

Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo [...] Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E, contudo, a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

Também com relação ao final do conto, não há consenso entre seus analistas, e nem poderia haver, já que cada um deles opta por uma linha de interpretação. Alguns chegam, inclusive, a afirmar que “Conto de escola” seria o menos machadiano dos contos do autor, uma vez que aponta para um final feliz, ao sugerir que o menino não se contaminara com os “ensinamentos” recebidos, prevalecendo a inocência infantil. A linha psicanalítica vai pelo mesmo caminho, ou seja, ao seguir o som do tambor, o menino estaria expressando sua individualidade, a despeito das imposições da escola e da família.

Os símbolos da liberdade de espírito e da individualidade são o papagaio no céu e o rufar dos tambores. Podemos ver neles o vôo da criatividade e a ressonância corajosa de batimentos cardíacos de afetividade, moldando o herói aventureiro, o menino que se

¹ Devo esta abordagem à leitura do ensaio de A. Bosi (1988) sobre *O Ateneu* de Raul Pompéia.

deixa levar nas ruas após o desapontamento com seus colegas, com o professor e com o pai. (Wahba 2004:71)

Já a linha sociológica vê na atitude de Pilar uma característica do brasileiro, povo extremamente passivo, cujo maior pecado seria o da omissão. Segundo Flávio Aguiar, a herança maldita da escravidão, do patrimonialismo e do favor destruiu a *vontade* do nosso povo, e Machado retrata isto em seus personagens. Assim, o menino desiste de seus propósitos “justiceiros” e acaba seguindo o rufo de um tambor: “E ainda se diz feliz, ‘sem ressentimento’...” (Aguiar 2004:27).

Resistência ou acomodação? A melhor resposta vai depender da linha de análise escolhida pelo analista para construir sua interpretação do conto, bem como da filiação teórica e/ou ideológica do leitor. Em favor do argumento da acomodação, temos o contexto político e social da época; pois, se por um lado havia a revolta da população, por outro, as divergências ideológicas entre os dois partidos que davam sustentação política ao governo eram poucas, sendo que ambos trabalhavam para neutralizar as facções políticas mais radicais. Objetivo que foi atingido com a maioria do Imperador.

Em favor da resistência, temos o argumento sustentado por Raimundo Faoro, entre outros, de que a obra de Machado de Assis, apesar de sua “busca atormentada da realidade”, foi marcada por um forte traço moralista. Portanto, à imperativa pressão social, que parecia tirar toda a liberdade de ação do homem, e ao nascente determinismo naturalista, o autor opunha a força das paixões, “Se a chama interior arde com violência, o homem quebra as limitações exteriores, rompe as cadeias da sociedade, atravessa os obstáculos que lhe embarçam a marcha.” (Faoro 1976:495-6), escreve o crítico. Neste sentido, sempre há de encontrar meios de burlar a vigilância das autoridades ou a censura social. Mas o olhar do outro que me leva ao autoconhecimento, também me escraviza, na medida em que me julga, e, muitas vezes condena.

Enfim, é possível sermos verdadeiramente livres quando as relações sociais nos alheiam de nós mesmos? Até que ponto nossa vontade é determinada pelos condicionamentos sociais? As câmeras instaladas nos colégios são para proteger ou vigiar os alunos?

Qualquer que seja a resposta, todas as alternativas estarão corretas, pois, como já ficou dito no início deste trabalho, trata-se de uma narrativa cuja estrutura binária permite, pelo menos, dois tipos de interpretação. E talvez tenha sido esta a intenção do autor, afinal não foi pela ambigüidade de seu romance mais famoso que sua obra se popularizou? A última palavra cabe ao leitor, afinal é dele o olhar que faz funcionar toda esta dinâmica.

Referência Bibliográfica

- AGUIAR, F. “O portal do inferno”. 2004. In: COELHO, M. & FLEURY, M. (orgs). *O bruxo do Cosme Velho: Machado de Assis no espelho*. São Paulo: Alameda.
- ASSIS, J. M. MACHADO de. *Obras completas*. 1992. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Aguillar.
- BOSI, A. *Machado de Assis. O enigma do olhar*. 1999. São Paulo: Editora Ática.
- _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. 1988. São Paulo: Ed. Ática.
- FAORO, R. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 1976. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional; Secr. Cult. Ciência e tecnologia S.P.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 1987. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes.
- MURICY, K. “Os olhos do poder”. 1988. In: NOVAES, A. /et al/. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- REVISTA *Educação*. “De olho (eletrônico) nos alunos”. 2007. São Paulo: Editora Segmento, maio, 11(121):30-1.
- SARTRE, J.P. *O ser e o nada — Ensaio de ontologia fenomenológica*. 1997. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes.
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 1990. São Paulo: Duas Cidades.
- WAHBA, L. L. “O pensamento machadiano e a política da hipocrisia”. 2004. In: COELHO, M. & FLEURY, M. (orgs). *O bruxo do Cosme Velho: Machado de Assis no espelho*. São Paulo: Alameda.